



Pressão em Gaza

Tanques de Israel cercam Rafah; mais de 150 mil palestinos deixam a cidade

— Exército israelense deu ordem para população deixar determinados bairros; EUA temem morte de civis, mas Netanyahu diz que ataque é crucial para vencer a guerra

TEL-AVIV

O Exército de Israel apertou ontem o cerco a Rafah, no sul da Faixa de Gaza. Soldados tomaram a estrada principal, dividindo a área urbana em duas partes. O lado leste da cidade foi cercado por tanques israelenses. De acordo com a ONU, mais de 150 mil palestinos já fugiram da região, temendo a destruição dos bombardeios.

De acordo com civis palestinos, explosões e tiros são constantes nas regiões leste e nordeste da cidade, com combates entre as tropas israelenses e militantes palestinos. Segundo o Hamas, tanques israelenses foram emboscados perto de uma mesquita no leste da cidade, sinalizando que as forças de Israel haviam conseguido avançar vários quilômetros.

O governo de Israel afirma que a operação militar em Rafah é necessária porque os últimos batalhões operantes do Hamas estão escondidos na cidade. Organizações de ajuda humanitária temem uma situação ainda pior para os civis. Mais de 1 milhão de palestinos tiveram de se deslocar para Rafah por conta da guerra em outras regiões do enclave.

COMBATES. Os militares israelenses afirmaram ontem que localizaram diversos túneis do Hamas no leste da cidade e confirmaram o combate contra terroristas nas ruas de Rafah —



Tanques israelenses no sul de Gaza: à espera da ordem de ataque

EUA exigem explicação dos israelenses sobre denúncias de tortura

O governo dos EUA afirmou ontem estar “profundamente preocupado” com uma reportagem da emissora CNN que revela casos de abuso de prisioneiros em centros de detenção de Israel para palestinos detidos em Gaza.

“Vimos essas reportagens sobre abusos de prisioneiros. É profundamente preocupante”, disse o porta-voz do Conselho de Segurança Nacional da Casa Branca, John Kirby. “Estamos entrando em contato com nossos

colegas israelenses para obter mais informações sobre essas alegações e esperamos obter respostas.”

De acordo com a CNN, a denúncia partiu de informantes israelenses, que alegam ter testemunhado abusos sistemáticos na prisão de Sde Teiman, no Deserto de Neguev. Eles descreveram casos de tortura e humilhação de presos vendados sob a luz forte de um holofote.

Segundo relatos, os pacientes da prisão teriam sido algemados às macas, usando fraldas, e procedimentos teriam sido feitos sem anestesia por profissionais não qualificados. ● NYT e AP

quatro soldados morreram. A Força Aérea realizou bombardeios em áreas usadas pelo Hamas para lançar foguetes contra o território israelense, incluindo a passagem de fronteira de Kerem Shalom.

Organizações internacionais estimam que 150 mil palestinos já fugiram da cidade nos últimos dias. O Exército de Israel emitiu, na segunda-feira, uma ordem de deslocamento, o que provocou uma preocupação generalizada na comunidade internacional, que teme o massacre de civis por uma ofensiva militar em uma área urbana densamente povoada.

CATÁSTROFE. O diretor do Escritório da ONU para a Coordenação de Assuntos Humanitários para Gaza, Georgios Petropoulos, afirmou que a situação no território palestino atingiu um nível de “emergência sem precedentes”.

“A ordem de deslocamento do governo de Israel, devido à operação militar de Rafah, obrigou mais de 150 mil pessoas a seguir para o norte”, declarou. “Quase 30 mil estão fugindo da cidade por dia.” A maioria, segundo ele, já se deslocou cinco ou seis vezes desde o início da guerra.

Na terça-feira, Israel iniciou uma operação limitada em Rafah, segundo o gabinete do premiê Binyamin Netanyahu, e passou a controlar a parte palestina do posto de fronteira com o Egito. A perspectiva de

uma operação maior criou atritos com os EUA, principal aliado dos israelenses.

O presidente americano, Joe Biden, suspendeu o envio de 3,5 mil bombas para Israel, por temores de que elas poderiam ser usadas em Rafah. Este foi o primeiro embargo militar americano para Israel desde o início da guerra.

Pressionado pelos setores mais conservadores e radicais de sua coalizão de governo, Netanyahu reagiu e afirmou que Israel poderia lutar sem ajuda dos EUA contra o Hamas. “Se precisar, lutaremos sozinhos”, disse.

Crise humanitária Situação no território palestino atingiu nível de ‘emergência sem precedentes’, diz ONU

A guerra em Gaza começou no dia 7 de outubro, quando terroristas do Hamas invadiram o sul de Israel, mataram 1,2 mil pessoas e sequestraram 240, no maior atentado da história do país e o maior ataque contra judeus desde o Holocausto.

Israel respondeu com uma ofensiva no enclave palestino, que contou com bombardeios aéreos, invasão terrestre e deixou mais de 34 mil mortos, segundo o Ministério da Saúde de Gaza, que é controlado pelo Hamas. ● AFP

Assembleia recomenda adesão da Palestina

NOVA YORK

A Assembleia-Geral da ONU aprovou ontem uma resolução que declara que a Palestina se qualifica para ser membro pleno da ONU, um movimento simbólico que reflete a crescente solidariedade global com a causa palestina e uma crítica à posição de Israel e dos EUA, que votaram contra a medida que dá mais direitos aos palestinos no órgão.

A resolução, apresentada pelos Emirados Árabes, foi aprovada por 143 países — 25 se abstiveram e apenas 9 votaram contra, entre eles EUA, Israel, Argentina, República Checa e Hungria. O texto “determina que o Estado da Palestina deve ser admitido como membro” e “recomenda que o Conselho de Segurança reconsidere a questão favoravelmente”.

“Estive nesta tribuna centenas de vezes, frequentemente em circunstâncias trágicas,

mas nenhuma comparável à qual o meu povo vive atualmente”, disse o embaixador palestino na ONU, Riyad Mansour. “Nunca houve uma votação mais importante do que a de hoje.”

A adesão, no entanto, deve morrer no Conselho de Segurança, em razão do veto americano. Os EUA vetaram uma proposta semelhante no dia 18 de abril. Na ocasião, Reino Unido e Suíça se abstiveram, deixando os americanos isolados.

RECONHECIMENTO. Ainda que a entrada da Palestina na ONU leve tempo, os palestinos parecem ter feito avanços diplomáticos significativos desde o início da guerra em Gaza. Espa-

nha e Irlanda devem reconhecer o Estado palestino no dia 21, de acordo com uma reportagem da RTE, emissora de TV irlandesa. Malta e Eslovênia estariam preparadas para seguir

Diplomacia Desde 1988, 139 dos 193 países da ONU reconhecem a Palestina; EUA seguem sendo um entrave

o mesmo caminho. Josep Borrell, chefe da diplomacia europeia, disse ontem que outros países da UE também podem seguir o exemplo, citando diretamente a Bélgica.

Desde 1988, 139 dos 193 paí-

ses da ONU já reconhecem a Palestina — uma decisão de caráter simbólico, que não muda os entraves para a paz. Cada vez mais analistas, porém, acreditam que o reconhecimento colocaria mais pressão para que Israel aceitasse negociar.

O ministro das Finanças de Israel, o ultraconservador Bezalel Smotrich, disse a um grupo de colonos, em reunião na quarta-feira, que a criação da Palestina estava se tornando um “perigo tangível”. “É impensável que o dia 7 de outubro, o dia em que o mais terrível massacre foi realizado desde o Holocausto, seja o dia da fundação de um Estado palestino”, disse. ● AP